

ASHLEY HERRING BLAKE

BOX DIGITAL
BRIGHT FALLS



DELILAH GREEN
NÃO ESTÁ NEM AÍ

ASTRID PARKER
NUNCA FALHA

IRIS KELLY
NÃO NAMORA





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

Box Digital Bright Falls

Delilah Green não está nem aí

Créditos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Agradecimentos

Astrid Parker nunca falha

Créditos

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez

Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete

Agradecimentos

Iris Kelly não namora

Créditos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

“Uma comédia romântica, divertida e picante com a qual qualquer pessoa vai se identificar.” —Talia Hibbert, autora de *Acorda pra vida*, *Chloe Brown*

DELILAH GREEN NÃO ESTÁ NEM AÍ



ASHLEY HERRING BLAKE

“Ashley Blake retrata com bom humor e ternura os contratempos das relações amorosas, familiares e de amizade.” – KIRKUS REVIEWS

“Um novo clássico. Esta comédia romântica arranca risadas e suspiros e merece estar entre as grandes histórias de romance, como *Mensagem para você*, *Bonequinha de luxo* e *Sintonia de amor*.”

– KOSOKO JACKSON, autor de *I'm So Not Over You*

“*Delilah Green não está nem aí* retrata bem a sensação de descobrir que aquela pessoa por quem você tem uma quedinha também gosta de você. Ashley Herring Blake promete ser uma estrela do romance.” – ROSIE DANAN, autora de *The Roommate*

“Encantador e divertido, *Delilah Green não está nem aí* nos hipnotiza com o poder redentor do amor. A incrível mistura de tensão sexual e afeição vai arrancar suspiros dos leitores.” – KARELIA STETZ-WATERS, autora de *Satisfaction Guaranteed*

“*Delilah Green não está nem aí* é a realização de todos os seus sonhos românticos e eróticos protagonizados pela ex-garota má que era rejeitada por todos. E ainda tem todas as relações complicadas dela com a família postiça, para diversão extra. Você vai precisar de um belo banho frio depois desta leitura.” – LANA HARPER, autora de *Payback's a Witch*

“Este livro reúne tudo que você poderia querer em um romance sáfico – sarcasmo, sensualidade e doçura –, além de uma análise profunda do que significa amar alguém e de como escolhemos demonstrar isso. Fãs de Alexandria Bellefleur e Talia Hibbert não podem perder este espetáculo comovente.” – THE NERD DAILY

ASHLEY HERRING BLAKE

DELILAH GREEN
NÃO ESTÁ NEM AÍ



ARQUEIRO

Título original: *Delilah Green Doesn't Care*

Copyright © 2022 por Ashley Herring Blake
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley, selo da Penguin Publishing Group, uma
divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Camila Fernandes

revisão: Livia Cabrini e Rafaella Lemos

revisão técnica em diversidade: Bruno Ferreira

diagramação: Gustavo Cardozo

capa: Katie Anderson

imagem de capa: Leni Kauffman (frente de capa);
Ann&Pen | Shutterstock (quarta capa)

adaptação de capa: Natali Nabekura

foto da autora: Craig Pope

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568d

Blake, Ashley Herring

Delilah Green não está nem aí [recurso eletrônico] / Ashley Herring Blake;
tradução de Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: Delilah Green doesn't care

Formato: e-book

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-363-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

22-78318

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Rebecca Podos, que encara comigo
todos os grandes mistérios*



CAPÍTULO UM

DELILAH ABRIU OS OLHOS ao ouvir a vibração que vinha da mesa de cabeceira. Piscou uma, duas vezes, até que o quarto estranho entrasse em foco. Deviam ser pelo menos duas da manhã, talvez mais. Tateou até achar o celular, lençóis brancos sedosos se enrolando em suas coxas nuas enquanto ela se virava para silenciar a chamada, que parecia barulhenta o bastante para acordar...

Ah, merda.

De novo. O nome da mulher deitada ao seu lado fugiu das suas lembranças da noite anterior, as letras quase impossíveis de ler entre as imagens da exposição de arte na pequena galeria Fitz, no Village. Algumas fotos de sua autoria nas paredes, um punhado de frequentadores assentindo e elogiando, mas nunca se interessando o bastante para comprar alguma coisa, o champanhe que não parava de circular... Tudo isso seguido daquele bar florido na MacDougal Street regado a muito, mas muito uísque.

Delilah virou a cabeça e olhou para a mulher que dormia ao seu lado. Corte curtinho, cabelo louro-escuro, pele aveludada, boca bonita, coxas grossas e mãos fenomenais.

Lorna?

Lauren.

Não. Lola. O nome dela com certeza era Lola.

Talvez.

Delilah mordeu o lábio e pegou o celular que ainda vibrava, estreitando os olhos para ver o nome piscando na tela iluminada na escuridão.

DesAstrid

Mal teve tempo de rir do modo como tinha registrado o nome da irmã postiça na lista de contatos antes de apertar *Ignorar*. Era instintivo. Segundo a experiência de Delilah, uma ligação às duas da manhã raramente era coisa boa, sobretudo se fosse Astrid Parker telefonando. E quem é que ainda liga para os outros? Por que Astrid não podia mandar uma mensagem de texto como um ser humano normal?

Tá, tudo bem, havia várias mensagens não respondidas no celular de Delilah, mas, em sua defesa, ela não andava prestando para muita coisa ultimamente. Estava com o aluguel perto de vencer e se preparava para a exposição na Fitz, onde seu trabalho só fora exposto porque ela conhecia a dona, Rhea Fitz, sua ex-colega garçonete que tinha recebido de herança da avó grana suficiente para abrir uma galeria. As semanas anteriores tinham sido um turbilhão entre servir mesas em meio período no River Café, no Brooklyn, e fotografar retratos e casamentos, que juntos mal davam para o aluguel e a comida. Ela estava a uma catástrofe de distância de ser obrigada a se mudar para Nova Jersey e, se seu objetivo era entrar no implacável mundo da arte nova-iorquino, morar em outra cidade não era uma opção. Sim, tinha vendido uma ou duas obras, mas sua fotografia era *de nicho*, como dissera um agente que se recusara a representá-la, e arte *de nicho* não era fácil de vender.

Então, sim, ela andava ocupada demais dando um duro danado para falar com a irmã. Além disso, Astrid nem gostava tanto assim dela. Fazia cinco anos que elas não se viam.

Já fazia mesmo tudo isso?

Que inferno, estava tarde. Delilah largou o celular no peito quando Jax

surgiu em seus pensamentos pela primeira vez em um bom tempo. Meses. Ela fechou os olhos com força, voltou a abri-los e ficou olhando para o teto, coberto daqueles adesivos de estrelas que brilham no escuro. Sentou-se na cama com uma sensação gelada de pânico correndo nas veias. Estava em um alojamento de faculdade? Deus, por favor, não. Delilah tinha quase 30 anos, e as universitárias... bom, ela já tinha passado por essa parte da vida. Preferia mulheres da sua idade, sempre preferira, e ficava satisfeita em deixar para trás todos os abalos e suspiros dos seus 20 e poucos anos.

Foi relaxando conforme o quarto ficava mais nítido. Sentiu a maciez dos lençóis caros entre os dedos. O cômodo tinha vários móveis modernos, em linhas retas e madeira clara. Obras de arte sofisticadas enfeitavam as paredes, penduradas com maestria. Uma porta aberta levava à sala, da qual Delilah agora se lembrava claramente como o cenário onde – Lana? Lily? – a havia empurrado em um sofá branco muito elegante e tirado sua calcinha, jogando-a por sobre o ombro nu.

Com certeza não era uma mobília nível universitário. Nem mesmo nível Delilah Green – e ela já era bem adulta. Além disso, o que Lilith fazia com a boca definitivamente não era uma habilidade nível universitário.

Delilah voltou a se deitar, jogando-se na cama, amolecida pela lembrança. Seus olhos tinham acabado de se fechar quando o celular recomeçou a vibrar. Ela despertou, olhando para o mesmo nome improvável e apertando *Ignorar* pela segunda vez.

Layton se mexeu ao lado dela, virando-se e olhando para Delilah com os olhos semicerrados, o rímel manchado.

– Ah. Oi. Tudo bem?

– Tudo, tudo...

O celular vibrou de novo.

DesAstrid

– Não é melhor você atender? – perguntou Linda, o cabelo despenteado caindo adoravelmente sobre um de seus olhos azuis.

Nunca que o nome daquela deusa do sexo poderia ser Linda.

– Talvez.

– Então atende. Quando terminar, tem uma coisa que eu quero te mostrar.

Lydia – claro, por que não? – sorriu, empurrando os lençóis até o quadril por uma fração de segundo antes de puxá-los de volta até o queixo. Delilah riu, jogando o lençol para trás e levantando-se da cama completamente nua. Ela estava prestes a atender o celular assim, mas acabou pegando um roupão de seda – não era um roupão nível universitário de jeito nenhum – que estava pendurado em uma poltrona estofada cinza no canto do quarto. Não podia conversar pelada com a irmã postiça.

Vestindo o roupão, foi até a pequena sala-barra-cozinha-aberta e se sentou em um banquinho, apoiando os cotovelos no balcão de mármore gelado. Inspirou... expirou. Sacudiu as mãos, alongou o pescoço. Tinha que se preparar para conversar com Astrid, como uma boxeadora antes da luta. Luvas calçadas, protetor bucal no lugar. Em cima do balcão, o celular parou e o nome de Astrid desapareceu, só para voltar a surgir, como uma mensagem vinda diretamente do inferno. Melhor acabar logo com isso. Ela deslizou o dedo pela tela.

– Que foi?

– Delilah?

A voz aveludada de Astrid atravessou a linha. Era como uma Cate Blanchett americana, só que mais arrogante e menos rainha das bissexuais. Exatamente o tipo de voz que Delilah sempre soubera que a Astrid adulta teria.

– É – disse Delilah, e pigarreou. Sua voz tinha uma rouquidão de seis drinques e anos sem dormir direito.

– Você demorou pra atender.

Delilah soltou um suspiro.

– Está tarde.

– São só onze horas aqui no Oregon. Além do mais, imaginei que essa fosse a melhor hora pra conseguir falar com você. Você não vira morcego depois da meia-noite?

Delilah bufou.

– Viro, sim. Agora, se me der licença, quero voltar pra minha caverna.

Astrid ficou alguns segundos sem dizer nada, longos segundos que fizeram Delilah imaginar se a irmã ainda estava ali, mas ela não daria o braço a torcer. Só tinham falado ao telefone umas dez vezes desde que Delilah fora embora de Bright Falls, no dia seguinte da formatura, pegando um ônibus para Seattle com a mochila do colégio pendurada no ombro, enquanto Astrid partira em uma viagem para a França com suas melhores amigas asquerosas. Isabel, mãe de Astrid e *má-drasta* de Delilah, dera às duas garotas dinheiro suficiente para mantê-las longe por duas semanas. A única diferença foi que Astrid voltou, preparada para fazer faculdade em Berkeley, como a filha obediente que era, enquanto Delilah foi para Nova York e alugou uma espelunca de um quarto no Lower East Side. Ela era legalmente adulta e nada a faria ficar naquela casa um segundo a mais do que o estritamente necessário.

Não que Isabel lamentasse sua partida.

Nem Astrid, pelo que Delilah pôde perceber, embora, de vez em quando, coisas assim acontecessem. Mensagens ignoradas viravam ligações desastradas em que Astrid tentava fingir que não tinha transformado a infância de Delilah, que já era solitária, em um inferno. Delilah voltara a Bright Falls cinco ou seis vezes nos últimos doze anos – em alguns Natais e outras ocasiões especiais, além de um velório quando sua professora de arte favorita morrera. A última vez fazia cinco anos, quando Delilah fugira de Nova York com o coração recém-partido, imaginando que a familiaridade de Bright Falls pudesse servir como um bálsamo. Não serviu, mas rendeu a Delilah ideias para uma série de fotografias que fez sua ambição mudar de *fotógrafa freelancer que mal consegue pagar o aluguel para artista queer bem-sucedida com um apartamento incrível em Williamsburg*.

O que ela ainda não tinha alcançado, mas estava tentando.

– Então... vai me deixar na mão?

A voz de Astrid interrompeu suas reflexões e ela piscou, fazendo com que a cozinha de Lucinda voltasse ao foco.

– Deixar na mão, é? – Uma piada sacana estava na ponta da língua, mas

Delilah a engoliu.

– Ah, meu Deus – disse Astrid. – Você tá falando sério? Diz que você não tá falando sério?

– Eu...

– Delilah, fala logo!

– Estou tentando! Dá pra calar a boca por dois segundos?

Astrid soltou o ar tão alto que o som zumbiu no ouvido de Delilah.

– Tá bom. Tá bom. Desculpa, é que estou estressada. Tem muita coisa acontecendo.

– Certo – falou Delilah, quebrando a cabeça para lembrar *o que é* que estava acontecendo. – É, então...

– Não, não, não, não. Você *não* vai me deixar na mão, Delilah Green. Diz que não vai fazer isso.

– Meu Deus, Desastrinho, que tal tomar um ansiolítico?

– Por favor, não me chame assim e *não* me deixe na mão.

Delilah ficou um instante em silêncio. Talvez ver sua arte nas paredes de uma galeria de verdade, por menores que fossem, e o sexo excelente de depois tivessem mexido um pouco com sua capacidade de raciocínio, e ela logo se lembraria do que quer que Astrid estivesse falando. Tirou o celular do ouvido, apertou o viva-voz e conferiu a data no aplicativo do calendário. Sábado, 2 de junho. Madrugada. Sexta, 1º de junho, com certeza era uma data que tinha ficado gravada em sua mente durante meses enquanto se preparava para a exposição na Fitz. Mas tinha mais alguma coisa, alguma coisa a ver com o mês de junho, Astrid e...

Ah, merda.

– Seu casamento – disse Delilah.

– Sim, meu casamento – falou Astrid. – Que estou planejando há meses e para o qual a mamãe insistiu que eu contratasse *você* como fotógrafa.

– Nossa, que animação...

– Eu chamaria de outra coisa.

– Me ajuda a te ajudar, Desastrinho.

Astrid bufou no telefone.

– Ainda estou arrasada por não ser uma das madrinhas – observou

Delilah, sem expressão, mas, ao lembrar que a irmã postiça ia se casar com algum pobre coitado, seu coração acelerou com o horror e o alívio que a inundaram.

Por um lado, o casamento de uma Parker em Bright Falls era o último evento a que ela gostaria de comparecer naquele momento. Ou em qualquer momento. Tinha conhecido alguns agentes na exposição na Fitz e vendido uma obra – sim, a compradora estava dormindo no quarto ao lado, mas Loretta definitivamente assinara o cheque antes de se engrajar com Delilah. Pelo menos Delilah tinha quase certeza de que era assim que tinha acontecido, considerando que estava ocupada demais surtando ao ver alguém pagar por algo que ela criara.

Independentemente de qualquer coisa, aquele não era o momento para encheção de saco vinda de Astrid-barrá-Isabel. Delilah sentia que estava prestes a conquistar algo, a ser *alguém*, e Bright Falls era um poço de desespero que sugava sua alma e onde ela não era ninguém.

Por outro lado – o lado que tentava manter Delilah alimentada e vestida –, Isabel Parker-Green tinha oferecido uma soma absurda para que ela fotografasse o casamento de Astrid e as duas semanas de eventos pré-matrimoniais. Agora que os detalhes da primeira ligação de Astrid a Delilah para falar sobre aquele feliz acontecimento voltavam à sua mente, com certeza eram cinco dígitos. Cinco dígitos *baixos*, mas cinco mesmo assim. Praticamente uns trocados para Isabel Parker-Green e para a maioria das pessoas que morava no Brooklyn, mas, para Delilah, que fazia um dólar durar dias, era soro na veia de sua conta bancária desidratada.

Com a quantia, que Astrid certamente sabia que Delilah não poderia recusar, a irmã postiça também deixara escapar uma manipulação *supersutil*: “A mamãe disse que seu pai ia querer que você fosse ao meu casamento.” Delilah ainda estava ressentida, sobretudo porque sabia que Isabel tinha razão. Quando vivo, Andrew Green fora um homem de família extremamente dedicado que fazia questão de jantar à mesa toda noite, viajar nos feriados, preservar tradições natalinas, checar o dever de casa e aprender a fazer penteados para que Delilah não fosse a única garota na Feira Medieval sem uma coroa de tranças.

Um casamento seria inegociável. A gente ia pela família, ainda que fosse paga para isso e rangesse os dentes o tempo inteiro.

– Os eventos pré-casamento começam no domingo – disse Astrid. – Você concordou em acompanhar tudo, lembra? As informações que enviei por e-mail indicam que você está agendada do dia 3 ao dia 16. Assinei o contrato, concordando com todas as suas cláusulas, e...

– Sim, eu sei, eu sei – respondeu Delilah, passando a mão no cabelo.

Que merda, ela não queria passar duas semanas inteiras em Bright Falls. E era o Mês do Orgulho. Ela adorava o Mês do Orgulho em Nova York. E quem é que começava essas bobagens de casamento com tanta antecedência? Bom, Delilah sabia exatamente quem.

– Astrid...

– Delilah, não fode.

– Que boca suja, Astrid. O que a *Isabel* diria?

– Ela diria isso e coisa muito pior se você estivesse prestes a cancelar seus serviços para o casamento da única filha que ela tem assim tão em cima da hora.

Delilah respirou fundo, embora estivesse tentando não fazer isso.

A única filha que ela tem.

Ela quis lutar contra o instinto de reagir, deixar que as palavras passassem como vento, mas fracassou. Era um reflexo, aquele sentimento, resquício de uma infância com pai e mãe mortos e uma madrasta que, para começo de conversa, nunca quisera ficar com ela.

– Merda – resmungou Astrid, arrependida e irritada ao mesmo tempo, como se fosse culpa de Delilah ela ter esquecido que Isabel passara a ser a responsável pela filha do marido depois que ele morrera em consequência de um aneurisma quando a menina tinha 10 anos.

– Olha a boca suja de novo – disse Delilah, soltando uma risada apesar do nó na garganta. – Acho que eu até gosto dessa Astrid estressadinha.

A irmã ficou alguns segundos sem dizer nada, mas o silêncio durou tempo suficiente para que Delilah soubesse que estaria decolando do aeroporto JFK pela manhã.

– É só vir, tá bom? – pediu Astrid. – Está muito em cima da hora para

achar alguém razoável para substituir você.

Delilah passou a mão no rosto.

– Tá.

– O que você disse?

– Tá bom – respondeu Delilah, praticamente gritando. – Eu vou, sim.

– Ótimo. Já reservei um quarto pra você na Caleidoscópio...

– Espera, eu não vou ficar com a mamãezinha querida?

– ... e vou mandar a programação por e-mail. De novo.

Delilah grunhiu e desligou antes que Astrid pudesse desligar na cara dela, então largou o celular no balcão como se o aparelho estivesse pegando fogo. Tirou a tampa de uma garrafa de gim pela metade que estava ao lado da pia e bebeu um gole direto do gargalo. O álcool desceu queimando, fazendo suas narinas arderem e seus olhos lacrimejarem.

Duas semanas. Seriam só duas semanas.

Duas semanas e dinheiro suficiente para três meses de aluguel.

Ela pegou o celular, aquele traidor, e voltou para o quarto. O roupão de Lanier caiu no chão e ela encontrou, amarrotado ao lado da cômoda, o macacão preto sem alças que deixava as tatuagens de seus braços à mostra. Depois de vesti-lo, ficou uns dez segundos procurando a calcinha, a roxa rendada que era sua favorita, mas não a encontrou em lugar nenhum.

– Foda-se – disse, pendurando a bolsa no ombro e juntando a massa de cachos escuros em um coque bagunçado.

Achou o salto dez vermelho ao lado da foto imensa em preto e branco apoiada na parede. A imagem mostrava uma mulher branca com um vestido também branco de tecido fino e rímel escorrendo no rosto molhado, encarando a câmera. Ela estava em uma banheira, o vestido totalmente encharcado e transparente, os mamilos quase escondidos pela linha da água e os dedos agarrando a borda da banheira branca enferrujada. Era de Delilah, uma das quatro obras da exposição na Fitz. Lembranças de Leila-Lucy-Luna pagando pela imagem em dinheiro vivo e depois enfiando a língua na boca de Delilah afloraram. A porcaria do nome ainda brincava de esconde-esconde.

– Opa – disse a mulher, levantando a cabeça da pilha de travesseiros e

olhando para Delilah com os olhos semicerrados, iluminada pela luz da cidade, o cabelo bagunçado. – Espera, você está indo embora?

– Hã, tô... – respondeu Delilah, calçando os sapatos e verificando se a carteira estava dentro da bolsa, as chaves, o cartão do metrô. – Valeu, foi legal.

Leah sorriu.

– Foi, sim. Tem certeza que não quer voltar pra cama?

Ela levantou uma sobrancelha enquanto a coberta caía só o suficiente sobre seu peito para revelar uma faixa de pele encantadora.

– Bem que eu queria – falou Delilah, indo para a porta.

A oferta era tentadora, mas sua mente já estava em outro lugar, em seu apartamento, vasculhando as roupas que precisava levar para o casamento e todos os brunches e chás e, meu Deus, despedidas de solteira que Astrid tinha planejado.

Astrid e seu pelotão de meninas malvadas.

London pareceu decepcionada.

– Ah. Tá. Bom... manda mensagem?

Delilah deu as costas para a mulher e foi em direção ao corredor, levantando a mão ao abrir a porta.

– Com certeza. Mando, sim.

Mas sabia que não ia mandar.

Nunca mandava.

No metrô, voltando para o apartamento em Bed-Stuy, ela se deu conta da realidade do que estava prestes a fazer. Voltar para Bright Falls era uma coisa, mas passar duas semanas à disposição de Astrid e Isabel seria insuportável.

E Delilah não tinha nenhuma intenção de facilitar as coisas para elas.



CAPÍTULO DOIS

CLAIRE ESVAZIOU A TAÇA DE VINHO pela segunda vez naquela noite e depois a apoiou na mesa de madeira rústica com uma força um tanto exagerada.

– Relaxa – disse Iris, sentada à sua frente, mexendo a laranja no coquetel de vodca e refrigerante.

– O que você acha que estou tentando fazer? – perguntou Claire, servindo um pouco mais de Syrah em sua taça.

Ela sabia que se arrependeria, porque vinho tinto sempre lhe dava dor de cabeça, mas Ruby ia passar a noite na casa de Josh pela primeira vez depois de dois anos, aí ela dissera a Iris que queria sair, espairar, ficar longe de Josh e daquele sorriso implacável que dizia *Sou um cara legal!* e daqueles olhos castanhos reluzentes. Então ali estava ela, meio bêbada, na Taverna da Stella, o único bar de Bright Falls, tentando não hiperventilar. O jukebox neon, no canto do salão, tocava uma música country horrível.

– Acho que o álcool não está ajudando – comentou Iris.

Virou a cabeça e analisou as pessoas. A maioria eram caras jogando sinuca e um bando de universitários que tinham vindo passar o verão em casa.

– É, não está mesmo.

– Quer ir pra outro lugar? – Iris apertou sua mão. – Podemos voltar pra

sua casa e ver um filme.

Claire balançou a cabeça. Estava inquieta, como quando experimentara maconha com Josh no último ano da escola e passara duas horas com o coração a mil. Precisava gastar um pouco de energia, e ficar sentada em um sofá bebendo e comendo restos de pizza não ia ajudar em nada.

– Eu só preciso de alguma distração – disse.

Iris ergueu as sobrancelhas.

– Que tipo de distração?

Sua voz saiu em tom de provocação, e Claire sabia exatamente aonde a amiga queria chegar. Iris estava sempre lendo romances e era famosa por tentar cultivar finais felizes para as amigas, ainda que só durassem uma noite.

– Tipo... – Iris fez um gesto com as mãos, instigando Claire a continuar.

Claire revirou os olhos, mas sorriu.

– Tá, tá bom. Isso. Esse tipo de distração mesmo.

– É?

– É.

Iris juntou as mãos, batendo as palmas uma vez, e as esfregou como uma vilã malvada.

– Aí sim! Faz uma eternidade que você não transa com ninguém.

Claire soltou um “Shhh!” e se inclinou para a frente.

– Dá pra ser mais discreta?

– *Ser mais discreta* não vai te ajudar a pegar ninguém.

– Ah, meu Deus, será que dá pra você...

– Aí, Bright Falls! – disse Iris, em voz alta, colocando as mãos em volta da boca e se levantando.

Cabeças se viraram em sua direção, as bocas já sorrindo como sempre acontecia quando Iris Kelly erguia a voz.

– Quem aí quer uma chance com essa bela dama que está aqui comigo? Ela está precisando desesperadamente de uma boa trep...

– Ai, meu Deus, Iris!

Claire puxou a blusinha leve sem mangas da melhor amiga, quase torcendo para ter rasgado a bainha. Iris se jogou de volta na cadeira

enquanto o rosto da outra ardia como se fosse o núcleo do Sol. Todos estavam olhando para elas, muitos erguendo a sobrancelha. Matthew Tilden, que fazia comentários extremamente inadequados sobre a bunda de Claire na escola, se virou no banco do bar e levantou a cerveja em um brinde na direção dela. Hannah Li, que era a professora do jardim de infância, pelo amor de Deus, abriu um sorriso tão lindo antes de piscar os cílios compridos que o estômago de Claire se revirou.

– Qual é a sua, Ris? – perguntou Claire.

– Achei que você quisesse conhecer alguém, ué – disse Iris, o sorriso desaparecendo enquanto ela se inclinava sobre a mesa, o cabelo ruivo incandescente caindo no rosto.

Iris dava mil por cento em tudo o que fazia. Claire ficava por volta dos dez.

– Eu queria. Eu quero. É que...

Claire soltou um suspiro. Ela não era boa nessa coisa de encontros, romance, sexo. Nunca tinha transado só por transar com ninguém, nunca tivera um amigo, ou amiga, colorido. Fora mãe aos 19 anos, não tinha tempo para isso. Mas ultimamente andava pensando em começar a sair de novo. *Pensando*. Ainda não tinha tomado uma atitude. Não tivera tempo. Entre administrar a livraria e ser mãe de uma pré-adolescente, ela caía na cama toda noite por volta das dez, assim que Ruby dormia.

– Faz quanto tempo? – perguntou Iris.

A boca de Claire se abriu e se fechou depressa. Fazia um tempo. Não, mais que um tempo.

– Tá – disse Iris. – Um tempão. Quem foi?

– O quê?

– A última pessoa com quem você transou. Caramba, a última pessoa com quem você *saiu*.

Claire bebeu mais um gole de vinho. A resposta deixaria o coração romântico de Iris scandalizado.

– Nathan.

Iris quase engasgou com a bebida.

– Nathan? Meu assistente? Com quem eu te incentivei a ficar porque

vocês dois são absurdamente detalhistas e eu achei que talvez se dessem bem falando de sistemas de organização ou alguma coisa do tipo? O Nathan, que você levou pra jantar em um *food truck* de sanduíche de lagosta lá em Astoria e depois desapareceu, o que deixou o clima bem estranho pra mim lá na loja na semana seguinte? Esse Nathan?

Claire se ajeitou na cadeira, tirando os óculos de armação roxo-escura e limpando as lentes na blusa sem dizer nada.

– Isso foi há seis meses, Claire. *Seis meses*. Eu não sabia que o caso era tão grave.

Ela não tinha combinado com Nathan, só isso. Ele era um cara legal – lindo, com certeza, e bem que Claire se sentira atraída por ele –, mas naquela semana Ruby tinha brigado sério com a melhor amiga pela primeira vez, o que fizera Claire tentar, inutilmente, descobrir como ajudar a filha a lidar com o inferno que podiam ser as amizades no quinto ano. E ainda estava finalizando uma pequena reforma na livraria, seu maior projeto desde que assumira o negócio da mãe. Era importante, havia muitas coisas em jogo.

– E eu sei que você não dormiu com ele – disse Iris.

Claire levantou a sobrancelha.

– Ele é do tipo que sai contando vantagem?

– Não. Ele é elegantíssimo. Mas lembro muito bem que no dia seguinte você estava tensa como sempre.

Claire mostrou o dedo do meio para a amiga.

Iris bebeu um gole do coquetel e inclinou o corpo para a frente.

– Assim, por favor, *por favor*, me diz que a última vez que você transou não foi com o pai da sua filha linda, preciosa e dona do meu coração. Diz que não foi a última vez.

Claire ficou paralisada, a confissão na ponta da língua. Mas então percebeu que nem era verdade e levantou a mão em um gesto casual.

– Ah, fala sério, Iris, você sabe que não foi.

– Eu não sei de nada.

– Eu sempre conto tudo pra você.

Ou quase tudo. Ela e Josh tinham se separado havia nove anos. O

coração dela ficava apertado só de lembrar: a gritaria, o choro, Ruby e seus olhinhos de criança de 2 anos arregalados e assustados enquanto a mãe e o pai, jovens demais, se digladiavam.

– Bom, eu devo estar com algum problema de memória – falou Iris, olhando o bar lotado ao redor. – Cadê a Astrid? Ela costuma anotar essas coisas.

– Que coisas? Minha vida sexual?

– De todas nós, inclusive a dela. – Iris levantou a mão, fingindo escrever no ar e falando com um sotaque elegante que não tinha nada a ver com Astrid. – Segunda-feira, 3 de maio, 21h23. Hoje deixei Spencer me penetrar, o que foi bastante excitante. Da próxima vez, talvez eu me aventure e tente a vaqueira invertida. Ele fica pedindo anal, mas eu...

– Meu Deus do céu, para com isso – disse Claire, rindo. – Ela *não anota* isso no planner.

– Ela escreve *alguma coisa* pós-coito. Isso eu garanto.

– Ela gosta de organização. E foi você quem personalizou o planner dela.

– É, e coloquei uma caixinha ao final de cada dia que diz *Sexo: sim, não, talvez*, só pra ela.

Claire caiu na gargalhada.

– Mentira que você fez isso!

Iris deu uma piscadinha e bebeu mais um gole. Elas eram melhores amigas desde o quinto ano, quando Iris e Claire se mudaram para Bright Falls. A única vez que se separaram foi durante os quatro anos que Astrid e Iris passaram na faculdade enquanto Claire lidava com uma surpresinha em forma de filha. As amigas voltaram para Bright Falls depois da formatura, o trio se reuniu e Claire nunca ficou tão aliviada. Astrid e Iris fizeram de tudo para apoiá-la nos primeiros anos de vida de Ruby, mas ela se recusava a deixar que as duas abandonassem a própria vida. Além do mais, Claire tinha Josh.

Até não ter mais.

Mesmo assim, conseguiu se virar, após ter um bebê aos 19 anos, se apaixonar perdidamente pela filha e sobreviver ao fim do relacionamento com Josh.

Mas nunca ficou tão feliz quanto ao ver as amigas voltando para Bright Falls. Astrid, com um diploma de administração de Berkeley, assumiu a empresa de design de interiores muito lucrativa de Lindy Westbrook quando a mulher se aposentou, e Iris trabalhou como contadora até economizar o bastante para abrir a Desejos de Papel, sua papelaria, perto da livraria da família de Claire na Linden Street, no centro da cidade. Iris era extremamente talentosa – vendia uma linha autoral de planners personalizados e tinha mais de 50 mil seguidores no Instagram – e Astrid revitalizou praticamente sozinha metade das casas de Bright Falls.

Agora Claire administrava quase sem a ajuda de ninguém a Livraria Rio Selvagem, que sua avó abrira nos anos 1960, e estava fazendo de tudo para trazê-la para este século. A mãe a deixava fazer o que quisesse, mas para fazer o que ela queria – instalar um café, pendurar obras de artistas locais nas paredes, abrir um e-commerce – era preciso dinheiro, muito dinheiro. Até então, tinha conseguido renovar as prateleiras e paredes e montar uma pequena área de leitura, com sofás de couro macios no meio da loja, mas só isso. Ainda assim, era um começo.

Claire bebeu mais um gole de vinho, o que esvaziou a taça.

– Nicole Berry.

Claire disse o nome baixinho, mas ainda assim o som causou uma leve fisgada em algum lugar em seu peito. Ela não tinha só transado com Nicole, elas tinham namorado. Durou cinco semanas, até que Claire quis apresentá-la a Ruby e Nicole se apavorou imediatamente. Ela gostava de Nicole. Muito. Poderia até chegar a amá-la, se Nicole tivesse dado uma chance ao relacionamento.

Iris fez uma careta.

– Nicole.

– É, Nicole – disse Claire, com uma leveza que contradizia seus sentimentos. – Ela era linda, né?

E como era. Cabelo sedoso, pernas compridas com as quais ela envolvia o quadril de Claire de um jeito que...

Ao lembrar, ela apertou as coxas uma contra a outra. Meu Deus, fazia muito tempo mesmo.

– Ah, claro, sim, maravilhosa – respondeu Iris, com delicadeza. Ela sabia quanto o fim daquele relacionamento tinha doído. – E isso faz dois anos. *Dois anos*, Claire. Faz dois anos que você não...? – Ela balançou os seios discretamente, e havia bastante deles para balançar.

– Ah, fala sério, ninguém tem tempo pra sexo, Ris. – Foi sua resposta brilhante.

Iris olhou para ela como quem diz *ah, coitadinha*.

– Isso não é verdade, e você sabe disso. Eu transo o tempo todo.

– *Você* tem namorado.

– E *você* tem um vibrador.

Ela levantou a taça vazia em um brinde.

– Ah, isso eu tenho mesmo.

– E ele está muito, muito cansado.

Claire riu, mas não pôde negar. Tinha carregado a bateria pelo menos duas vezes no último mês.

Iris bateu o copo na taça da amiga e Claire esvaziou os pulmões pela primeira vez naquela noite. Desde que Josh tinha voltado para a cidade, dois meses antes – jurando que desta vez era para ficar, que ia abrir uma construtora em vez de ficar só fazendo bicos para a empresa do amigo, Holden, que queria estar presente na vida de Ruby –, ela estava no limite.

E, com Astrid girando que nem um pião desgovernado, o casamento com Spencer se aproximando como uma nuvem escura no horizonte... bom, digamos que Claire merecia umas bebidas.

– Como estão as coisas? – perguntou Iris, lendo a mente da amiga como sempre. – Com Josh.

Claire deu de ombros.

– Ruby adora o pai.

– E vamos deixar por isso mesmo?

Claire soltou um longo suspiro. Josh era o pai da menina, e ela sempre o amara. Mas, caramba, se ele alimentasse as esperanças de Ruby só para desaparecer mais uma vez, ela o mataria. Tipo, literalmente. Seria uma morte lenta e dolorosa. Ela já tinha pessoas demais em sua vida em quem não podia confiar e não queria que Ruby crescesse com os mesmos

fantasmas.

Deu uma olhada no celular. Tirando o horário e a foto do rosto sorridente da filha, não havia nada na tela. Nenhuma mensagem de Josh. Sua visão embaçou a ponto de ela perceber que mais uma bebida a deixaria negligente, e ela não faria isso na frente de Josh. Ele nunca usaria isso contra ela – ou, pelo menos, era o que pensava –, mas Claire estava tentando dar um bom exemplo de responsabilidade parental.

– É melhor eu ir embora – disse.

– Mas e a sua distração?

Ela levantou a mão.

– Isso pode ficar pra depois.

– Astrid ainda nem chegou.

Claire massageou as têmporas. Tudo em sua vida se fundindo em uma dor de cabeça atrás dos olhos.

– Quero dar uma olhada na Ruby lá na casa do Josh antes que ela vá dormir.

– Dar uma olhada no Josh, você quer dizer.

– Você me julga?

Iris balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Você sabe disso, né?

Claire tirou umas notas da carteira.

– Eu sei.

– Eu te amo, sua necessitada de sexo.

Claire riu.

– É bom mesmo.

– Pra sempre. – Ela estendeu a mão e deteve a de Claire, que ainda segurava a carteira. – Então vamos fazer isso sem pressa.

– Isso o quê?

– Te arranjar um encontro. Achar alguém que te interesse.

– Tá bom – disse Claire, cautelosa. – O que você...

– Um número de telefone. Só isso. É só pedir o telefone de alguém esta noite. Comece por aí.

Os ombros de Claire imediatamente se curvaram. Ela sempre conhecera

as pessoas com quem se relacionara de maneira orgânica. Josh era seu namorado de escola. Nicole era uma autora local que escrevia livros de culinária vegana e tinha ido à livraria autografar sua obra mais recente de sobremesas à base de vegetais. Claire organizara a tarde de autógrafos, elas começaram a conversar e pronto. Iris havia armado o encontro com Nathan. Ela nunca tinha conhecido ninguém em um bar, mas, vendo Iris fazer isso pelo menos umas dez vezes desde que saíram da escola, sempre ficou imaginando como era, a emoção e o frio na barriga.

Claire se obrigou a relaxar. Fora para isso que tinha saído, afinal de contas. Queria... alguma coisa. Precisava de alguém – ainda que fosse apenas uma *possibilidade* – para garantir que não ia ter uma recaída com Josh. Não estava apaixonada por ele, sabia disso. Mas seu corpo ficava idiota perto dele. Sempre fora assim.

Isso não mudava o fato de que a ideia de abordar uma pessoa estranha e simplesmente dizer *E aí?*, no melhor estilo Joey de *Friends*, a deixava enjoada.

– A partir de amanhã – disse Iris, sentindo o surto iminente da amiga –, vamos ficar amarradas durante duas semanas inteiras com as baboseiras do casamento.

– Baboseiras?

Iris a ignorou.

– Estamos falando de brunches, toalhinhas de renda, manicures e uma despedida de solteira totalmente assexuada.

Claire riu, lembrando que Astrid tinha proibido qualquer objeto fálico em sua festa. Nada de canudinhos e bolos em formato de pênis e, acima de tudo, nada de vibradores. Iris estava muito decepcionada.

– Isso sem falar que vamos precisar ter aquela conversinha com a Astrid – disse Iris, abaixando o tom de voz e se inclinando para a frente –, e talvez ela vá nos odiar pelo resto da vida.

Claire fechou os olhos e respirou lentamente pelo nariz. Desde que Astrid tinha deixado até mesmo Iris chocada e sem palavras alguns meses antes ao anunciar que ia se casar com Spencer Hale, com quem estava namorando havia menos de três meses e com quem suas melhores amigas

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Box Digital Bright Falls" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).